



A noção de modo semiótico na teoria de Kress e seu papel na proposta de um modelo de análise de textos multissemióticos: o caso do *motion graphic* educativo

The Notion of Semiotic Mode in Kress's Theory and Its Role in Proposing an Analytical Model for Multi-semiotic Texts: The Case of the Educational Motion Graphic

Lucas Baumgratz-Gonçalves

Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), São José dos Campos, São Paulo/Brasil
proflucasgratz@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0001-4492-1819>

Orlando Vian Junior

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, São Paulo/Brasil
vian.junior@unifesp.br

<https://orcid.org/0000-0002-0322-7177>

Resumo: A noção de modo semiótico proposta por Kress é extremamente produtiva para a análise de textos multissemióticos, pois é possível observar a maneira como os distintos modos se organizam para a construção de sentidos. Com base nessa noção, este texto objetiva apresentar subsídios para a construção de um modelo de análise de *motion graphic* educativos, um artefato semiótico característico de práticas sociais emergentes e bastante típicas da cultura hipermidiática. A partir de uma abordagem metodológica qualiquantitativa e interdisciplinar no campo da Linguística Aplicada para a análise e discussão dos dados, os resultados apontam que os modos semióticos precisam ser considerados a partir de suas potencialidades no contexto em que são produzidos e veiculados. Concluimos que o modo verbal oral exerce predominância sobre os demais na peça de *motion graphic* educativo analisada, pois é partir dele que os outros modos passam a integrar o artefato multissemiótico na construção de significados.

Palavras-chave: modo semiótico; *motion graphic* educativo; análise multissemiótica.

Abstract: The notion of mode proposed by Kress is extremely productive for the analysis of multi-semiotic texts, as it is possible to observe the way in which the different modes are organized for meaning making. Based on this notion, this text aims to present

elements for the proposal of an analytical model for the analysis of educational motion graphics, a semiotic artifact typical of emerging social practices and quite common in the hypermedia culture. Adopting a quali-quantitative and interdisciplinary methodological approach in the field of Applied Linguistics for the analysis and discussion of the data, the results indicate that the modes need to be considered based on their potential in the context in which they are produced and disseminated. We conclude that the verbal oral mode predominates over the others in the educational motion graphic analyzed, as it is from it that the other modes become part of a multi-semiotic artifact in meaning making.

Keywords: mode; educational motion graphic; multi-semiotic analysis.

Recebido em 28 de fevereiro de 2023.

Aceito em 16 de outubro de 2023.

1 Introdução

O interesse pela multimodalidade tem crescido acentuadamente em anos recentes, principalmente a partir do advento das Novas Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação, um fenômeno multimodal por natureza e para as quais diversos modos semióticos concorrem para a construção de sentidos nos mais diversos ambientes socioculturais.

No contexto em que estamos inseridos, é importante considerar os aspectos envolvidos na análise multimodal de tecnologias digitais, uma vez que “a informatização transforma a mídia em dados de computador”¹, como já havia sido advertido por Manovich (2001, p. 45). Nesse sentido, os *motion graphic* educativos (MGE, daqui por diante) passaram a se tornar presença constante nas mídias digitais, exigindo, assim, que sejam descritos, analisados e compreendidos tanto para a pesquisa quanto para sua utilização nos contextos em que circulam e em que são usados com distintas finalidades.

Adotando contribuições do vasto legado teórico-metodológico da Semiótica Social (SS, daqui por diante) de Hodge e Kress (1988), a

¹ Esta e todas as demais citações traduzidas dos originais em língua inglesa são de nossa autoria.

saber: a biografia de Kress em Bezemer (2019) ou o tributo de Bezemer, Jewitt e van Leeuwen (2020) e suas potencialidades para o estudo da multimodalidade em práticas sociais, tomamos como base o modelo proposto por Baumgratz-Gonçalves (2022) para a análise de textos multissemióticos. No referido modelo, distintos modos semióticos concorrem para a construção dos sentidos e, por essa razão, uma análise multimodal e interdisciplinar é necessária.

Devido ao seu aspecto multidisciplinar, a abordagem multimodal preceituada por Hodge e Kress (1988) no âmbito da SS permite a investigadores empregar ferramentas analíticas para a compreensão dos mais distintos eventos, artefatos e produtos resultantes de ações sociais, culturais, políticas e, por conseguinte, ideológicas.

A característica multidisciplinar é marca do legado teórico e metodológico deixado por Kress. O autor, ao longo de sua carreira, dedicou-se a investigar a relação entre os processos linguísticos e a sua inserção nas práticas socioculturais, centralizando essa preocupação em *Linguistic processes in sociocultural practice* (Kress, 1985), sua obra seminal.

A partir desta introdução, e como forma de articular discussões multimodais e multidisciplinares, este texto está organizado de forma a apresentar a fundamentação teórica. Em relação à noção de modo, recorreremos à teoria de Kress (2003, 2010, 2017), Kress e van Leeuwen (1996, 2006, 2021) e Bezemer e Kress (2016) e autores legatários (O'Halloran, 2009; O'Halloran; Smith, 2011; Serafini, 2014; Jewitt; Bezemer; O'Halloran, 2016; Jewitt, 2016), valendo-nos do diálogo teórico e interdisciplinar que circunscreve os diversos aspectos envolvidos na construção dos sentidos de um MGE, bem como de categorias analíticas que permitem inventariar as potencialidades (possibilidades de sentido) do(s) modo(s) em textos verbo-visuais. Em seguida, dispomos os passos metodológicos para análise de uma peça de MGE e, a partir deles, propomos um modelo para a análise de textos multimodais, com foco no MGE e nos subsídios da SS kressiana. Dispomos, por fim, nossas considerações sobre as possíveis implementações desse modelo de análise em investigações interdisciplinares que abordem aspectos multimodais nos campos do *Design Visual* e da *Linguística Aplicada* (LA, doravante).

2 Fundamentação teórica

Os vídeos de MGE podem ser definidos, conforme proposto por Velho (2008), sob dois aspectos: um técnico e outro conceitual. A partir de seu aspecto técnico, poderiam ser definidos “como uma aplicação mista de tecnologias de computação gráfica e vídeo digital”. Do ponto de vista conceitual, podem ser considerados “como um ambiente privilegiado de exercício de projeto gráfico através de imagens em movimento” (Velho, 2008, p. 18).

Como se pode depreender pela definição de Velho (2008), trata-se de um artefato semiótico complexo e, para compreender os diversos modos que compõem os sentidos de um MGE, torna-se necessária a incursão primeiramente na noção de modo, uma vez que modos distintos contribuem para os sentidos em um mesmo texto.

Com base na combinação de distintos modos para a construção de significados em textos multissemióticos, é essencial considerar, ainda, as propriedades da multimodalidade e seu papel na análise de tecnologias digitais em nossos tempos hipermidiáticos.

Por fim, para uma articulação teórica mais abrangente, torna-se também necessário o estabelecimento de diálogos interdisciplinares, pois diversas áreas do conhecimento contribuem para a compreensão da complexidade de uma peça de MGE, como discutimos nas próximas duas subseções.

2.1 A noção de modo semiótico e de multimodalidade em Kress

Em um de seus últimos textos sobre o que é modo semiótico, em coletânea organizada por Jewitt (2017), Kress define modo como sendo “um recurso socialmente moldado e dado culturalmente para criar significado” (Kress, 2017, p. 60), além de acrescentar que “os modos oferecem diferentes potenciais para criar significado” (Kress, 2017, p. 61). É importante considerar, portanto, as apropriações que determinado modo pode oferecer em contextos distintos, podendo significar algo em um e algo totalmente diferente em outro contexto.

Esse aspecto é reforçado pelo autor ao afirmar que “uma teoria ou rótulos produzidos especificamente para um modo não podem lidar com todas as diferentes potenciais de todos os modos usados em qualquer cultura” (Kress, 2017, p. 74), ou seja, os modos e as apropriações por

eles possibilitadas irão depender dos contextos em que são produzidos e em que circulam.

Essa afirmação fica patente ao observarmos os 34 capítulos que compõem a coletânea organizada por Jewitt (2017) e dedicada a Gunther Kress, pois evidencia que cada modo tem suas próprias potencialidades e elas variam, portanto, a partir da perspectiva teórica e metodológica pela qual são vislumbradas, possibilitando, assim, os mais diversos diálogos e interfaces.

Como já sinalizado em Vian Jr. e Rojo (2020), na Gramática Sistêmico-Funcional (de agora em diante, GSF) proposta por Halliday (1985) e revisada em Halliday e Matthiessen (2014), a palavra modo tem um aspecto polissêmico, pois são usados:

os termos modo (do inglês *mode*) para se referir à variável de contexto que determina a função que a linguagem exerce, bem como ao que os participantes têm como expectativa do que a linguagem possa fazer por eles em uma situação específica. Temos, ainda, o termo Modo (com inicial maiúscula), elemento da estrutura interpessoal da oração e, por fim, o termo MODO (todas maiúsculas), que se refere ao sistema pessoal primário, isto é, faz referência à gramaticalização do sistema semântico de Funções de Fala na oração (Vian Jr.; Rojo, 2020, p. 222).

Essa é apenas a ponta do *iceberg*, pois o trecho acima expõe de forma bastante resumida a questão, já que, na teoria de Halliday e Matthiessen (2014), há distintas acepções para o termo que, em português, são todos traduzidos como modo, tanto para a palavra *mode* quanto para as palavras *mood* e MOOD.

Para uma definição do que seja um modo semiótico, Kress (2017) propõe duas formas de se definir esse conceito: uma *social* e uma *formal*. De acordo com o autor, a perspectiva social está fundamentada na SS:

Duas outras respostas da pergunta “o que é modo?” são essenciais. Uma enfatiza o *social* na semiótica social; a outra enfatiza os requisitos formais de uma teoria sociosemiótica da comunicação. A primeira pode ser resumidamente afirmada: Socialmente, o modo é o que uma comunidade considera um modo e o demonstra em suas práticas; é um assunto para uma comunidade e suas necessidades representacionais (Kress, 2017, p. 65, *itálicos no original*).

A esfera formal, por seu turno, toma por base a sistêmico-funcional e, segundo o autor:

[...] em uma teoria Sociossemiótica, qualquer recurso de comunicação deve atender a três funções: ser apta a representar o que ‘acontece’ no mundo - estados, ações eventos: a *função ideacional*; representar as relações sociais dos envolvidos na comunicação: a *função interpessoal*; e representar ambas [ideacional e interpessoal] como oração - textos - coerentes internamente e com o ambiente: a *função textual*. Se a música ou a cor ou o layout atendem estes requisitos, são modos; se não atendem, não são (Kress, 2017 p. 65, *itálicos no original*).

Além dessa esfera formal e das funções a que devem atender, como apontado por Kress (2017) na citação acima, é importante também considerar as dimensões socioculturais, pois, conforme argumenta Serafini, “as dimensões socioculturais dos vários modos são tão importantes na compreensão de uma composição multimodal e da multimodalidade como são suas dimensões tecnológicas e materiais” (Serafini, 2014, p. 45).

Logo, a noção de modo, fundamentada na concepção hallidayana de língua como um sistema de escolhas disponíveis a seus usuários para construção de sentidos, foi expandida por Hodge e Kress (1988) para outros modos semióticos e, posteriormente, Kress e van Leeuwen (1996, 2006, 2021) a conceberam como multimodalidade.

A multimodalidade, tomando por base a discussão sobre o modo, pode ser definida, portanto, a partir de Kress e van Leeuwen (2001, p. 20), como “o uso de uma variedade de modos semióticos na concepção de um produto ou evento semiótico, juntamente com a maneira particular como esses modos são combinados”. Essa definição aponta para uma característica importante sobre como os modos se combinam para construir sentidos. Em outras palavras, é de suma importância considerar as maneiras específicas como os modos se relacionam no processo de elaboração dos textos, relevando-se, sobretudo, os contextos de produção e circulação. Dessa maneira, é possível traçar metodologias de análise dos modos, vislumbrando as potencialidades de sentidos dos textos veiculados na sociedade.

Em sua introdução no manual de análise multimodal que organiza, Jewitt sinaliza que, colocada de forma simples, “a multimodalidade aborda a representação, a comunicação e a interação como algo mais do que linguagem” (Jewitt, 2017, p.1).

Ao apresentarem um percurso histórico do termo multimodalidade, Jewitt, Bezemer e O'Halloran (2016) complementam essa ideia ao afirmarem que “o termo ‘multimodalidade’ foi usado para ressaltar que as pessoas usam múltiplos meios para produzir significado (Jewitt; Bezemer; O'Halloran, 2016, p. 2).

Assumimos, portanto, o MGE como um artefato semiótico multimodal, utilizado em contextos digitais para construção de significados com o objetivo de abordar questões do mundo real, de forma educativa aos espectadores sobre um determinado tema ou assunto.

Dessas concepções de modo e de multimodalidade em uso nas tecnologias digitais, torna-se necessário o estabelecimento de diálogos multimodais e multidisciplinares, pois, devido à sua complexidade, é impossível analisar um produto ou evento semiótico a partir de um único modo, já que os textos são multimodais por natureza e diversos modos concorrem para a composição dos significados nos textos. Em nosso caso, estabelecemos diálogos a partir da LA com outras áreas envolvidas nas peças de MGE, como discorreremos na próxima seção.

2.2 Diálogos multimodais e interdisciplinares

Como forma de compreender os diversos modos que compõem um MGE, é necessário levar em consideração não apenas os diversos modos que entram em sua composição para criar significados, mas também os distintos campos teóricos que o atravessam.

Em nosso caso, por estarmos inseridos no campo da LA, lidando com um produto do *Design* Visual, buscamos subsídios em ambas as áreas para compreendermos a construção dos sentidos. Por isso, foi necessário o estabelecimento de diálogos interdisciplinares para a compreensão da multimodalidade presente em MGEs.

No âmbito da LA, a relevância do aspecto interdisciplinar desta área vem sendo apontado de longa data. Moita Lopes (1999) já pontuava:

[a] natureza interdisciplinar da LA na área de LEs deverá ser cada vez mais ampliada, já que a tendência nas Ciências Sociais e Humanas me parece ser a de que é impossível se entender qualquer ato humano dentro dos limites de uma única disciplina (Moita Lopes, 1999, p. 434).

No campo da Semiótica peirceana, Santaella (2012) justifica a importância de o cidadão da sociedade atual ser letrado em múltiplas formas de linguagem:

Assim, podemos passar a chamar de leitor não apenas aquele que lê livros, mas também o que lê imagens. Mais do que isso, incluo nesse grupo o leitor da variedade de sinais e signos de que as cidades contemporâneas estão repletas: os sinais de trânsito, as luzes dos semáforos, as placas de orientação, os nomes das ruas, as placas de estabelecimentos comerciais etc. Vou ainda mais longe e também chamo de leitor o espectador de cinema, TV e vídeo. Diante disso, não poderia ficar de fora o leitor que viaja pela internet, povoada de imagens, sinais, mapas, rotas, luzes, pistas, palavras e textos (Santaella, 2012, p. 10).

Por se tratar de um artefato que envolve múltiplos modos, para que se analise uma animação de MGE também será necessário um aporte teórico interdisciplinar, pois se trata de um veículo de comunicação multimodal, logo, apenas uma teoria não é capaz de apreender toda a sua complexidade. A construção e análise de uma peça comunicativa como esta requer conhecimentos de áreas como *Design*, Audiovisual, Música, dentre outras. Para tratar dos elementos verbais, recorreremos à GSF, pelo fato de haver um diálogo natural entre esta disciplina e a SS kressiana; Halliday (1985), idealizador da GSF, concebia a língua como um construto sociosemiótico. Para tratar dos elementos visuais, reportamo-nos à Gramática do Design Visual (GDV, daqui por diante), de Kress e van Leeuwen (1996, 2006, 2021).

A diversidade de modos semióticos que cooperam para a construção de sentidos de um MGE torna clara a necessidade de evocar distintas áreas do conhecimento para que seja possível a análise do vídeo, o que evidencia que cada modo exige a utilização de fundamentações teóricas distintas.

Tomando o modo imagem em movimento, Dondis (2003) propõe que, para a compreensão dos elementos básicos da imagem, são necessários aspectos como ponto, linha, forma, direção, tom, cor, textura, escala, dimensão e movimento. Compreender estes elementos, como eles se organizam e formam imagens é similar ao nível “gramatical” e “lexical” da imagem.

Para a definição dos elementos visuais do MGE foram utilizados como base teórica autores como Krasner (2008), Velho (2008) e Cardoso (2021), que, além de pesquisadores, são profissionais da área do *motion design*. Krasner (2008) traz uma base histórica e algumas propriedades sobre o *motion design*. Velho (2008) é um dos primeiros autores/pesquisadores nacionais que aborda a função do *motion graphic* e suas diferenças em relação à animação. Cardoso (2021), por outro lado, traz uma visão bem atual e dinâmica sobre o processo e etapas de produção de um vídeo em *motion graphic*.

Ainda complementando o modo da imagem em movimento, uma contextualização do audiovisual é necessária com base em autores como Bernardet (1980), Field (2001), Eisenstein (2002), Journot (2005) e Aumont e Marie (2006). Esses autores colaboram com um glossário do audiovisual, principalmente levando em consideração a montagem e a dinâmica da imagem em movimento. Definições básicas de termos como *cena*, *sequência*, *plano*, *enquadramento*, foram lançadas por estes autores; são termos que, diversas vezes, são utilizados para compreender os espaços de tempo em uma obra audiovisual e, principalmente, para referenciá-los no momento da análise.

Para abordar os modos dos efeitos sonoros e da música, pautamos nas concepções de van Leeuwen (1999) e de Wisnik (1999). Para que seja possível interpretar e analisar estes modos, é importante precisar termos e conceitos básicos como Altura, Intensidade, Duração e Timbre, propriedades básicas do som que, manipuladas da forma correta, podem construir representações sonoras. Wisnik (1999) também traz à luz questões sobre o uso cultural das escalas gregas na música e sua relação com o ritmo e como essa interação interfere no significado da obra.

Para que fosse possível unir modalidades distintas, a GSF proposta por Halliday (1985) e Halliday e Matthiessen (2014) e a GDV por Kress e van Leeuwen (1996, 2006, 2021) foram essenciais. Da GSF foi apropriada a análise léxico-gramatical a partir das metafunções ideacional, interpessoal e textual da linguagem. No caso da GDV, ela foi útil para a análise das metafunções representacionais do modo imagem.

A perspectiva que adotamos está associada à concepção de texto conforme concebida no âmbito da GSF proposta por Halliday e Matthiessen (2014), ao preceituarem que:

Em linguística, ‘texto’ significa, portanto, uma instância do sistema linguístico. No entanto, o sentido do texto está sendo estendido

a outros sistemas semióticos, e os estudiosos referem-se, por exemplo, a sistemas ‘semióticos visuais’ como ‘textos (visuais)’ (assim, uma pintura seria um texto semiótico visual) e também se referem a ‘textos multimodais’ - instâncias de mais de um sistema semiótico. Embora esse sentido estendido de ‘texto’ ainda seja difícil de encontrar em dicionários, ele foi claramente estabelecido; por exemplo, ACARA, a Autoridade Australiana de Currículo e Avaliação, descreve ‘texto multimodal’ como ‘combinação de dois ou mais modos de comunicação (por exemplo, impressão, imagem e texto falado, como em apresentações de filme ou computador) (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 46).

Esta perspectiva apresentada por Halliday e Matthiessen (2014) reforça que a GSF tem a capacidade de auxiliar na análise a outros modos semióticos, assim como a própria definição de modo.

A interface entre distintas teorias e seu papel na análise de dados multisemióticos, bem como no ensino de línguas, vai ao encontro do que propõem Nascimento, Bezerra e Heberle (2011), pois, segundo os autores, ao promover a familiarização com essa teoria, é possível

em curto prazo, enriquecer o trabalho com textos multimodais na sala de aula em várias disciplinas e, em longo prazo, contribuir para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre como imagens e linguagem verbal são ferramentas poderosas de significação e de construção da realidade (Nascimento; Bezerra; Heberle, 2011, p. 547).

A visão desses elementos teóricos, de forma panorâmica, revela a complexidade de um texto multisemiótico e o que é requerido para sua análise. É importante, também, a definição de passos metodológicos para que a análise possa dar conta da construção de sentidos em uma peça de MGE, em que vários modos cooperam para a construção de seus significados.

3 Passos metodológicos

Para o estabelecimento do *corpus* de pesquisa, fizemos um levantamento e foram pesquisados os canais do *YouTube* que produzem e exibem vídeos de MGE. A partir disso, selecionamos os dez canais mais acessados e, dentre eles, escolhemos o de maior audiência, o canal

Kurzgesagt – In a Nutshell, produzido por um estúdio de animação da Alemanha, cujo foco é a produção de conteúdo educacional em inglês. Em fevereiro de 2023, constava com 17 milhões de inscritos.

Em nosso segundo passo metodológico, selecionamos o vídeo mais acessado do canal: O Coronavírus Explicado & O Que Você Deve Fazer², publicado no ano de 2020.

Apresentamos, no Quadro 1, dados sobre o vídeo, como forma de demonstrar o número de cenas em que o MGE foi segmentado para análise, bem como os números fornecidos pelo *software* AntConc (Anthony, 2023) na ferramenta *WordList*, com base na transcrição do texto enunciado pelo narrador:

Quadro 1 – Dados do vídeo analisado

<i>Types</i>	<i>Tokens</i>	<i>Duração</i>	<i>Cenas</i>
557	1.395	8' 34"	59

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados.

Em relação às informações exibidas no Quadro 1, lembramos que o termo *types*, típico da Linguística de Corpus, indica a frequência das palavras no corpus, ao passo que *tokens* indica o número das palavras diferentes, individuais no texto.

No que diz respeito ao número de 59 cenas indicadas no Quadro 1, utilizamos o conceito de cena conforme definido por McKee (2006), cuja definição determina uma unidade marcada pela mudança de tempo e de espaço e que é utilizada tanto para a organização quanto para a produção de audiovisuais.

As duas unidades que formam as cenas, isto é, a composição e o enquadramento, dialogam com a noção de “orações imagéticas” proposta por Kress e van Leeuwen (2006), uma vez que, segundo os autores, o que é expresso por meio de classes de palavras na linguagem escrita, pode, “em comunicação visual, ser expressa pela escolha entre diferentes usos da cor ou diferentes estruturas composicionais (Kress; Van Leeuwen, 2006, p. 2).

2 Título original: *Coronavirus explained & what you should do*, disponível em: <https://youtu.be/BtN-goy9VOY>. Acesso em: 15 set. 2023

A partir da adoção desses procedimentos metodológicos, o objetivo principal foi o de verificar como os diferentes modos semióticos que compõem o MGE analisado cooperam para a construção de sentidos do texto. Focalizamos os aspectos linguísticos, uma vez que o trabalho foi desenvolvido em um programa de pós-graduação em Letras, na área de concentração de Estudos Linguísticos. Advém, daí, nosso interesse em compreender como se caracterizam, do ponto de vista da GSF, os participantes, processos e as circunstâncias características do texto vocalizado no vídeo e como este modo estabelece interface com os demais modos.

Tomando essas informações como base, vale mencionar que três mecanismos foram estipulados para a análise e contemplaram: (i) a utilização do *software* para análise textual AntConc 3.5.9 (Anthony, 2023) e sua ferramenta *Word List* para que fosse definida a frequência de uso de processos, de participantes e de circunstâncias, componentes gramaticais no âmbito da metafunção ideacional na GSF; (ii) a elaboração de planilhas com cada oração do vídeo para análise e, por fim, (iii) análise das relações semânticas de Dominância, Redundância, Complementaridade e Discrepância, conforme propõe Santaella (2012) para a relação entre a imagem e o texto escrito.

É importante salientar ainda que, para a análise dos itens lexicais no mecanismo (ii) foi utilizada a GSF com a finalidade de averiguar o modo verbal oral em forma de texto transcrito com foco na metafunção ideacional e análise dos elementos léxico-gramaticais no sistema de transitividade e os componentes das orações analisadas, envolvendo os participantes, os processos e as circunstâncias. Para os demais modos, utilizamos a GDV.

Ao descrever a caracterização de cada modo semiótico presente no MGE analisado, é possível perceber que cada um deles é formatado por mecanismos distintos. O modo semiótico verbal escrito é composto, no vídeo, por legenda/textos diegéticos, ao passo que o verbal oral é realizado pela narração. O modo das imagens em movimento no vídeo é formado por animações, personagens, formas visuais e parte verbal escrita diegética. Os efeitos sonoros são realizados por sons representativos e a música é realizada pela composição musical, conforme descrito por Baumgratz-Gonçalves (2022, p. 101).

Adotando uma perspectiva interdisciplinar para a análise de animação de MGEs, foram estabelecidos cinco modos existentes para o *corpus* estudado: (i) verbal escrito, (ii) verbal oral, (iii) imagem em

movimento, (iv) efeitos sonoros e (v) música, que passamos a apresentar e discutir na seção a seguir.

4. Proposta de um modelo analítico

Definidas as noções de modo e de multimodalidade utilizadas, passamos à proposta de um modelo analítico para um MGE. Optamos pelo vídeo mais acessado, como indicado nos passos metodológicos e, com base nele, procedemos à análise de cada um dos modos, detendo-nos à construção dos sentidos na peça multimodal estudada.

A partir destas perspectivas acerca do modo semiótico, é possível definir os modos existentes no *corpus*. Para balizar a análise dos modos constitutivos do evento linguístico tratado pelo presente trabalho, primeiro foi necessário investigar o contexto *social*, se existem produtores e espectadores para este recurso, como por exemplo a música: por meio dos créditos do vídeo é possível observar que houve músicos que compuseram a trilha sonora musical do vídeo e que, inclusive, também é disponibilizada separadamente no *YouTube*. Em seguida, foi feita a análise *formal*, para compreender como o recurso semiótico em questão era formado pelas metafunções da linguagem propostas na GSF.

Por questões relativas à limitação de espaço, apresentaremos como exemplo a análise da primeira cena do MGE estudado. Para detalhamento da análise de todos os modos que compõem o texto, remetemos o leitor ao trabalho de Baumgratz-Gonçalves (2022).

Figura 1 – Cena 1, período: de 00:00 a 00:07



Fonte: Canal *Kurzgesagt*, <https://youtu.be/BtN-goy9VOY>

A primeira cena do vídeo, apresentada na Figura 1, elucida como os modos são definidos.

Nesta cena, enquanto a imagem apresentada na Figura 1 aparece na tela, o narrador enuncia o seguinte texto: *In December 2019 the Chinese authorities notified the world that a virus was spreading through their communities.*

Buscando entender os outros modos semióticos, é possível analisar que eles também dispõem de participantes, processos e circunstâncias, ou seja, os elementos básicos da metafunção ideacional na GSF de Halliday e Matthiessen (2014).

Com base nos participantes, processos e circunstância do texto, traçamos um paralelo com a Imagem em Movimento. Assim, percebe-se que os elementos visuais da cena representam praticamente todas as informações expressas pelo modo Verbal Oral expresso pelo narrador.

Estabelecemos as seguintes correlações entre o modo Verbal Oral e o modo Imagem em Movimento, conforme apresentado no Quadro 2:

Quadro 2 – Relação entre Modo Verbal oral e Imagem em Movimento

MODOS				
Verbal Oral (Narrador canal fônico)	<i>In December 2019 the Chinese authorities notified</i>			
Imagem em movimento	Texto diegético “December 2019” Tarja azul com letras brancas sem serifa.	Delimitação do país e a bandeira referente a ele.	Balão de fala com ponto de exclamação.	→
MODOS				
Verbal Oral (Narrador canal fônico)	<i>the world</i>	<i>that a virus</i>	<i>was spreading</i>	<i>through their communities</i>
Imagem em movimento	Oculto. Irá aparecer na cena seguinte.	Bolinhas vermelhas.	Ação das bolinhas vermelhas aparecendo a partir do centro do país Texto diegético: número progressivo de infectados.	Parte interna do mapa do país.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

Este modelo de análise foi utilizado para todos os modos verificados no *corpus*, bem como para todas as orações transcritas do texto enunciado pelo narrador e, a partir dele, foi possível criar um paralelo sintático-semântico entre os modos.

Seguindo o exemplo da Imagem em Movimento, é possível relacionar como cada um dos componentes na oração estão relacionados a elementos da imagem em movimento em exibição no vídeo.

A oração, como um todo, estabelece o paralelo da composição e do enquadramento na imagem em movimento. Os participantes, representados pelos grupos nominais de palavras, encontram correspondência na forma da imagem em movimento. Os processos, representados pelos grupos verbais, estão relacionados ao movimento reagindo aos demais elementos no modo da Imagem em movimento. Por fim, as circunstâncias são representadas, no modo verbal oral, pelos grupos adverbiais de palavras e estes estão representados na imagem em movimento por aspectos como forma, movimento, posição, escala, rotação, opacidade, dimensão, textura, linha, ponto, cor, matiz, luminosidade, saturação, ou seja, todos os elementos básicos da imagem em movimento.

Este paralelo sintático-semântico se expandiu para o estabelecimento de um modelo de análise de cada um dos cinco modos presentes no MGE sob estudo: verbal escrito, verbal oral, imagem em movimento, música e efeitos sonoros. Eles aparecem na segunda camada da parte central da figura a seguir e se expandem em nível de detalhamento, ao passo que avançamos para a parte externa do círculo, chegando às unidades mínimas de cada modo semiótico, como representado na Figura 2:

As palavras, claramente, são representações codificadas de participantes, circunstâncias e processos. Já para o modo da Imagem em Movimento esse seria o campo das representações imagéticas, que podem ser reais, abstratas, caricatas, dentre outras possibilidades. Um participante, por exemplo, pode ser representado por diversos elementos visuais; porém, uma observação proposta na pesquisa foi que o elemento visual que melhor define um personagem é a Forma; ao passo que outros elementos como linha, ponto, cor têm a função de auxiliar na criação da forma, ou de representar adjetivos desse participante. Por último, uma observação extremamente relevante é a capacidade do movimento na animação, de estar atrelado às ações pontuadas pelo modo verbal oral, como explicitamos anteriormente.

A Figura 2 ainda revela outros paralelos com os modos Efeitos Sonoros e Música, demonstrando como existe a possibilidade de analisar, pensar e produzir textos multimodais a partir de sua organização textual e léxico-gramatical, com base na GSF de Halliday e Matthiessen (2014).

Os elementos de nossa análise evidenciados neste texto revelam a necessidade de constante atualização em relação às mudanças tecnológicas e às novas tecnologias que vão surgindo e trazendo novos aspectos passíveis de investigação, além do fato de que outros modos semióticos podem ser pensados, a depender do tipo de texto multimodal a ser analisado e os modos que o compõem para a construção de sentidos.

A abordagem proposta dialoga diretamente com a proposta de Hodge e Kress (1988), uma vez que os autores consideram que o texto “deve ser estudado ao nível da ação social e seus efeitos na produção dos significados” (Hodge; Kress, 1988, p. 12), o que reforça a necessidade de observarmos o MGE como um fenômeno eminentemente multimodal. Do contrário, corremos o risco de sermos parciais nas análises de peças em que múltiplas semioses compõem os sentidos e, desse modo, reforçam o fato indicado por Kress (2010) de que os textos são “socialmente produzidos, com recursos culturalmente disponíveis [e] concretizam os interesses de seus criadores” (Kress, 2010, p. 207).

Esses aspectos dialogam com o modelo aqui proposto e apresentado na Figura 2, pois a análise dos modos que compõem uma peça de MGE revelam os distintos aspectos da construção dos sentidos, havendo a contribuição de diferentes modos na constituição do significado apreendido pelos espectadores, ampliando as perquirições para além do verbal. Essa proposta vai ao encontro do que afirmam Gualberto

e Santos (2019), pois ao tomarem por base o trabalho de trabalho de Bezemer e Kress (2016), as autoras argumentam que “compreender a multimodalidade como signos que são produzidos em todos os modos não significa o acréscimo de outros modos semióticos ao modo verbal” (Gualberto; Santos, 2019, p. 30).

Esse posicionamento das autoras ampara diretamente com o modelo proposto neste trabalho, uma vez que se baseia, primeiramente, no levantamento dos modos existentes no texto a ser analisado e, a partir daí, observar e descrever as características de cada modo e como cada um deles coopera para a construção dos sentidos textuais e sociais. As autoras apontam, ainda, para o fato de que, a adoção de uma perspectiva dessa natureza

requer o desenvolvimento de uma nova descrição da comunicação, que transcenda termos como “linguagem”, “não-verbal”, “paralinguístico” e “extralinguístico”, os quais encerram em si a posição privilegiada do verbal, da língua, da fala e da escrita como meios de comunicação, sendo necessário desenvolver uma estrutura que permita considerar todas as instâncias da comunicação, envolvendo diferentes modos semióticos. É nesse caminho que segue o desafio para futuros trabalhos e pesquisadores no cenário brasileiro (Gualberto; Santos, 2019, p. 30).

Esse posicionamento põe em evidência a característica eminentemente multimodal da comunicação atualmente, além do papel de diversos modos que contribuem para a construção dos significados nos textos; convém pontuar, ainda, o papel dos pesquisadores e analistas ao descreverem e analisarem tais artefatos semióticos.

5 Considerações finais

Nosso principal objetivo neste texto foi o de discutir como a noção de modo semiótico proposta por Kress (2017) pode ser utilizada na proposta de um modelo para a análise de textos multissemióticos, em que diversos modos se imiscuem para compor seus múltiplos sentidos. Dessa forma, observamos os diversos modos que compõem os sentidos em uma peça de *motion graphic* educativo, uma prática social bastante comum do universo digital, e, a partir dos modos observados, propusemos

um modelo que pretende dar conta dos diversos níveis de detalhamento possíveis para cada modo.

Do ponto de vista do Design Visual, é possível afirmar que o modelo de análise proposto fornece subsídios para uma nova abordagem de ensino desta área. É comum encontrar, no mercado, cursos que ofereçam domínio de ferramentas e *softwares*, que envolvem a criação de peças de *motion graphic*, porém um aspecto importante de qualquer processo comunicativo é a construção de um bom texto, o domínio da narrativa e a estrutura textual. O domínio de *softwares* e ferramentas estaria apenas no nível léxico-gramatical da área e, para o desenvolvimento de um nível semântico e estrutural, é essencial a interface com campos como a LA, a GSF e a SS. A proposta do modelo analítico para textos multimodais pode, inclusive, ser adaptada e utilizada para outras áreas da comunicação, tais como o *Design*, o Audiovisual, a Publicidade, as Artes Plásticas e quaisquer outras áreas que envolvam o uso de imagens. Esses aspectos podem ser relevantes tanto para análise quanto para criação deste tipo de mídia, o que pode fornecer importantes subsídios para os profissionais da área que exploram a multimodalidade.

A proposta ainda evidencia a importância e a principal função da forma na construção de uma representação imagética. Um profissional da área da criação, consciente que a forma é responsável por determinar quem são os participantes no texto visual, torna-se sensível a outros elementos visuais, a exemplo da cor, cuja função geral de representar adjetivos; esse profissional terá um domínio amplo de sua criação, podendo, por exemplo, aprimorar a criação de imagens de modo a contribuir com o significado do texto verbalizado por um narrador.

Da perspectiva da LA, pode-se considerar tanto questões relevantes para a análise de textos multimodais, quanto uma possível abordagem de textos multimodais no ensino de línguas. O modelo proposto, ainda, fornece subsídios para pesquisas nas descrições e análises de textos multissemióticos que, por muito tempo, tiveram seus aspectos visuais ignorados em relação ao modo verbal, comprometendo, sobremaneira, os sentidos construídos no texto.

Em ambas as áreas, em que textos multimodais são uma realidade, a noção de modo é bastante produtiva, pois o advento das tecnologias digitais e o uso constante das tecnologias móveis apontam a eminente necessidade de que se compreenda como esses sentidos multimodais

podem ser explorados, abordados, ensinados, principalmente para a formação de um cidadão crítico no tocante à sua realidade.

O trabalho desenvolvido evidencia a relevância de como estudos interdisciplinares são significativos no contexto atual, bem como demonstra a capacidade da GSF de possibilitar o desenvolvimento de teorias e metodologias (GSF, GDV, entre outras) que contemplem outros modos semióticos (imagem, som etc.). Os resultados e a metodologia apresentados podem servir como modelo para outras pesquisas no campo da multimodalidade e oferecer uma base para aprofundar questões, tal como a relação entre os modos semióticos e suas contribuições na formação de significado de um texto.

Os elementos apresentados revelam o papel crucial do legado deixado por Kress (2003, 2010, 2017) para os estudos da multimodalidade. Essas contribuições tornam-se relevantes no mundo vastamente semiotizado em que estamos inseridos e que, por conseguinte, o constante fluxo de sentidos e de informações requer novas compreensões dos modos em circulação. Isso reforça algo já apontado pelo próprio Kress (2003): o fato de que “não é mais possível pensar o letramento isoladamente de uma vasta gama de fatores sociais, tecnológicos e econômicos” (Kress, 2003, p. 1), revelando, assim, o vanguardismo kressiano em questões de letramentos, tecnologias, mídias e todos os demais modos semióticos com os quais estamos envolvidos.

Esperamos, por fim, que este texto possa incitar não só reflexões sobre a complexidade envolvida na análise de textos multimodais, mas que o surgimento de novos artefatos multissemióticos possam provocar ampliações e debates teóricos e metodológicos profícuos nos estudos envolvendo multimodalidade.

Declaração de autoria

Declaramos que discutimos todo o processo da produção do texto e contribuimos em todas as suas partes. Lucas concebeu o desenho da pesquisa, a coleta e a geração dos dados, bem como a análise e a interpretação dos modos semióticos e o desenvolvimento de um modelo para análise, além da redação do texto, sua edição e revisão. Orlando colaborou no desenho, planejamento e orientação da pesquisa, assim como na discussão dos dados e proposta para o modelo de análise, estando envolvido na redação do texto e em sua revisão crítica.

Agradecimentos

Agradecemos aos pareceristas anônimos pela leitura criteriosa e pelas excelentes contribuições ao texto. Quaisquer falhas remanescentes, no entanto, são de nossa inteira responsabilidade. Orlando agradece também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da Bolsa de Produtividade em Pesquisa, processo 306206/2020-0.

Referências

ANTHONY, L. *AntConc 3.5.8 [Computer Software]*. Tokyo, Japan: WasedaUniversity. 2022. Disponível em: <<https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>>. Acesso em: 15 set. 2022.

AUMONT, J.; MARIE, M. *Dicionário teórico e crítico de cinema*. 2a. ed. Campinas: Papirus, 2006.

BAUMGRATZ-GONÇALVES, L. *Motion graphic educativo: Uma análise multimodal e interdisciplinar de uma nova prática de comunicação social*. 2022. 210 p. Dissertação (Mestrado em Letras) — Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/63783>. Acesso em 15 set. 2022.

BERNARDET, J-C. *O que é cinema*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BEZEMER, J. 2019. *Gunther Kress: a short biography*. Disponível em: https://www.academia.edu/40281630/Gunther_Kress_A_Short_Biography, 2019. Acesso em 15 set. 2023.

BEZEMER, J.; KRESS, G. *Multimodality, learning and communication: a social semiotic frame*. London: Routledge, 2016.

BEZEMER, J.; JEWITT, C.; VAN LEEUWEN, T. Tribute to Gunther Kress (1940–2019): reflecting on visuals that shaped his work. *Visual Communication*, vol 19, n. (1) 3–11, 2020.

CARDOSO, A. H. O. *Motion design no Brasil: uma proposta de metodologia*. 2021. 249 p. Dissertação (Mestrado em Design). Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

DONDIS, D. A. *Sintaxe da linguagem visual*. Tradução: Jefherson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EISENSTEIN, S. *O sentido do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

FIELD, S. *Manual do Roteiro: Os fundamentos do texto cinematográfico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GUALBERTO, C. L.; SANTOS, Z. B. dos. Multimodalidade no contexto brasileiro: um estado de arte. *DELTA*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 1-30, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-460X2019350205>.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. *Halliday's introduction to functional grammar*. Fourth edition. London/New York: Routledge, 2014.

HODGE, R.; KRESS, G. *Social semiotics*. Ithaca: Cornell University Press, 1988.

JEWITT, C.; BEZEMER, J.; O'HALLORAN, K. *Introducing multimodality*. London/New York: Routledge, 2016.

JEWITT, C. (ed.). *The Routledge handbook of multimodal analysis*. 2nd edition. London/New York: Routledge, 2016.

JOURNOT, M-T. *Vocabulário de Cinema*, Lisboa: Edições 70, 2005

KRASNER, J. *Motion graphic design: applied history and aesthetics*. New York and London: Focal Press, 2008.

KRESS, G. *Linguistic processes in sociocultural practice*. Oxford: Oxford University Press, 1985.

KRESS, G. *Literacy in the new media age*. London/New York: Routledge, 2003.

KRESS, G. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. London/New York: Routledge, 2010.

KRESS, G. What is mode? In: JEWITT, Carey (org.). *The Routledge Handbook of Multimodal Analysis*. 2. ed. Abingdon: Routledge, 2017. p. 60-75.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 1996.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. 2. ed. London: Routledge, 2006.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. Third edition. London: Routledge, 2021.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Hodder Arnold, 2001.

MANOVICH, L. *The language of new media*. Cambridge: The MIT Press, 2001.

MCKEE, R. *Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de*. 1. ed. Curitiba: Arte & Letra Editora, 2006.

MOITA LOPES, L. P. da. Fotografias da linguística aplicada no campo de línguas estrangeiras no Brasil. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 15, n. especial, p. 419-435, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501999000300016>

NASCIMENTO, R. G. do; BEZERRA, F. A. S.; HEBERLE, V. M. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens. *Revista Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 14, n. 2, p. 529-552, 2011. DOI: <https://doi.org/10.15210/rle.v14i2.15403>

O'HALLORAN, K. L. Multimodal analysis and digital technology. In: BALDRY, A.; MONTAGNA, E. (eds). *Interdisciplinary perspectives on multimodality: theory and practice*. Campobasso: Paladino, 2009.

O'HALLORAN, K. L.; SMITH, B. A. Multimodal studies. In: O'HALLORAN, K. L.; SMITH, B. A. (eds). *Multimodal studies: exploring issues and domains*. New York/London: Routledge, 2011.

SANTAELLA, L. *Leitura de imagens*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SERAFINI, F. *Reading the visual: an introduction to teaching multimodal literacy*. New York/London: Teachers College Press, 2014.

VAN LEEUWEN, T. *Speech, music, sound*. 1. ed. London: Macmillan Press, 1999.

VELHO, J. *Motion graphics: linguagem e tecnologia – Anotações para uma metodologia de análise*. Dissertação (Mestrado em Design) — Escola

Superior de Desenho Industrial, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/9141/1/Arquivo.pdf>. Acesso em 15 set. 2023.

VIAN JR., O.; ROJO, R. H. R. Letramento multimodal e ensino de línguas: a Linguística Aplicada e suas epistemologias na cultura das mídias. *Raído*, Dourados, v.14, p. 216-232, 2020. DOI: <https://doi.org/10.30612/raido.v14i36.12045>

WISNIK, J. M. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1999.